

Flusser e a história das mentalidades: o léxico “brincadeira” como metáfora para “consciência de mundo” do brasileiro*

Flusser and the History of Mentalities: the lexicon "joke" as a metaphor for the way of perceiving the world of the Brazilian

Geisa Mara Batista **

Resumo: Vilém Flusser, filósofo tcheco que morou no Brasil entre os anos de 1940 e 1972, acreditava que haveria certas particularidades linguísticas no português do Brasil, as quais fariam com que o brasileiro - ao contrário de outros povos falantes de línguas românicas - “enxergue por sobre as regras”. Flusser sugere que quem apreende o sentido da palavra ‘brincadeira’, na semântica própria do português brasileiro, adquire uma nova forma de perceber o mundo, uma nova ferramenta, uma nova perspectiva. São objetivos desse trabalho investigar em que medida o português brasileiro - em especial a semântica que está contida no termo “brincadeira”- expressa uma visão de mundo, bem como aproximar essa intuição de Flusser de uma proposta acerca da história das mentalidades. Para tanto, metodologicamente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica que se debruçou, ainda, em demonstrar a possível construção, no interior do pensamento de Flusser, do léxico “brincadeira” como uma metáfora conceitual.

* Este trabalho foi apresentado, com recurso de Power Point no V Congresso Internacional de Metáforas da Linguagem e do Pensamento, promovido pelo Poslin da UFMG.

** Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade Senac Minas.

Palavras-chave: Vilém Flusser. Brincadeira. Metáfora Cognitiva. Linguística Cognitiva. História das Mentalidades.

Abstract: *Vilém Flusser, a Czech philosopher who lived in Brazil between 1940 and 1972, believes that there would be some linguistic particularities within Brazilian Portuguese which make Brazilian-unlike other Romance –speaking peoples-“see over the rules”. Flusser suggests that whoever grasps the meaning of the word ' joke ', considering the semantics of Brazilian Portuguese itself, acquires a new way of perceiving the world, a new tool, a new perspective. Some of the objectives of this work are to investigate to what extent the Brazilian Portuguese-in particular the semantics which is contained inside term "joke"-expresses a vision of the world, as well as approach this intuition of Flusser a proposal about the history of mentalities. To do so, methodologically, a bibliographical research which has addressed indeed the action of demonstrating the possible construction, deep inside of his thought, the lexicon "joke" as a conceptual metaphor.*

Keywords: *Vilém Flusser. Joke. Cognitive Metaphor. Cognitive Linguistics. History of Mentalities.*

Introdução

Ao se delinear o contexto para a possível aproximação teórica entre as propostas de Vilém Flusser e da história das mentalidades, a grande questão que se revela envolvida seria a de “como os povos constroem suas ontologias?”. Considerando que a construção das realidades para Flusser passa diretamente pelas línguas, o português brasileiro representaria, para esse filósofo tcheco, uma possibilidade de construção de uma nova realidade. Não será objeto deste breve texto as possíveis causas que levam Flusser a afirmar a diferença entre o português brasileiro e demais línguas. Nosso problema se concentra, antes, na investigação acerca dos desdobramentos da afirmação flusseriana: qual percepção de realidade o português brasileiro compreende e seria capaz de produzir? Quais conceitualizações a língua brasileira traz da realidade?

À luz dos filósofos e linguistas cognitivistas, propomos uma reflexão sobre o português brasileiro e sua participação na articulação da realidade a partir de um dos cortes que Vilém Flusser aplica ao problema. Flusser, em sua obra, enumerará algumas características que acredita serem próprias ao português brasileiro e terem impacto na maneira como o falante nativo da

língua enxerga a realidade, como, por exemplo, a não-linearidade, por influência de línguas indígenas e africanas aglutinantes, e a semântica de existência escondida nas nuances da tríade ser-estar-ficar. Contudo, dada a extensão de nosso trabalho e propósitos, aqui nos concentraremos em sua intuição acerca do termo “Brincadeira”. Para tanto, a fim de proporcionarmos uma investigação mais adequada da proposta de Flusser - brevemente exposta por ele em “Fenomenologia do brasileiro” e não por acaso aqui chamada de intuição - acreditamos ser preciso evocar o arcabouço de duas outras teorias, a fim de que compreendamos o que nos revela o termo “brincadeira” como uma metáfora, e como tal metáfora poderia ser a expressão de uma consciência coletiva.

Assim, propomos primeiramente que a afirmação flusseriana acerca do termo “brincadeira”, entendido por ele como “o jogo que não se joga para ganhar ou perder”, possa ser analisada a partir do conceito de metáfora tal como proposto por Lakoff e seus associados. A relação que se pretende estabelecer entre estes pensamentos considera que Flusser - ao nos dizer que enquanto os falantes de outras línguas jogam para ganhar ou perder, o brasileiro, quando “brinca”, muda o foco e subverte as regras do jogo - estaria nos dizendo que o termo “brincadeira” deveria ser compreendido como uma metáfora cognitiva. Em seguida, posto que para o filósofo a língua tem relação com a articulação da realidade, e a realidade se faz em consequência da articulação da língua, a conceitualização, a imagética do termo “brincadeira” como metáfora cognitiva de uma coletividade de falantes em uma dado momento se aproximaria de uma espécie de “modo de o brasileiro ver a vida”, a realidade que o cerca, ou seja, poderia ser considerada como expressão (ao menos a ele estar intimamente relacionada) de uma concepção de mundo desse grupo de falantes.

Flusser e o português brasileiro

Flusser, filósofo tcheco que morou no Brasil entre os anos de 1940 e 1972, é partidário da teoria filosófica, linguística e cognitivista de que a linguagem organiza o pensamento e de que cada língua constrói uma realidade

diferente. Assim, “quem fala várias línguas vive em vários mundos”¹. O mundo mesmo se modifica quando muda a língua.

Para Flusser, um fenomenologista, não há sujeitos ou objetos puros, posto que os dois elementos estão sempre relacionados pelo ato da consciência (*noises*), “o mundo não é nada mais que um *noema* significativo, e a capacidade noética na nossa consciência é nossa capacidade linguística” (BATLICKOVA, 2014, p,5). Os objetos são constituídos na linguagem, e por isso:

Não importa que coisa a língua possa articular, articula também a essência (consciente e inconsciente) do grupo que a ela recorre para comunicar-se (...) A contemplação de uma língua é um método excepcionalmente apto a revelar o espírito do grupo que a fala (...). (FLUSSER, 1998, p. 153).

Em Flusser linguagem se relaciona a estudos culturais. Anke Finger (2008) destaca como um dos pontos principais de sua prática intelectual o fato de que

Flusser mergulha sob a superfície e esgarça geografias culturais para iluminar as fundações da cultura e tudo aquilo que descrevermos como conhecimento cultural no seu caso as estruturas de comunicação e linguagem e, junto com essas estruturas, o ser humano em seu contexto cultura. (FINGER, 2008,46).

Portanto, está-se falando da possibilidade de revelação do brasileiro por sua linguagem. Para uma visão mais ampla do que o filósofo nos diz acerca do português brasileiro, é importante mencionar que, para ele, haveria certas particularidades linguísticas no português do Brasil que articulam a ‘essência’ do brasileiro e sua visão de mundo. Sendo um crítico do pensamento tecnicista ocidental, como proposta para superar a realidade construída e articulada pela razão instrumental, Flusser oferece a língua portuguesa, sobretudo em sua variante brasileira.

Muitos e célebres estudos já trataram do que seriam particularidades culturais brasileiras de herança portuguesa, africana e indígena. Poderíamos citar “Casa Grande & Senzala” (1933), de Gilberto Freyre, e “Raízes do Brasil” (1933), de Sérgio Buarque de Holanda, dentre muitos outros. Freyre (2005), do

¹ Provérbio tcheco.

micro organismo da Casa-grande e Senzala, partirá para sua interpretação do Brasil, reelaborando a cultura brasileira. Em sua teoria, o conceito de miscigenação possui valor de democratização e “valorização” da raça, posto que a miscigenação, a seus olhos, fornecia um contrapeso à brutalidade da dominação de brancos sobre negros. A miscigenação provoca a melhoria da raça, sendo o mulato um tipo novo, superior. Holanda (2015) discorrerá sobre a “alma” que compartilharíamos com os portugueses, mas que aqui daria origem a um tipo social² especial: o “homem cordial” representa a “personificação” de um conjunto de características culturais atribuídas pelo autor aos brasileiros. O termo “cordial” é compreendido em sentido etimológico, a cordialidade com “capital sentimento” do brasileiro (HOLANDA, 2015, p. 240), em quem o sentimental se sobreporia ao racional inclusive nas relações públicas. A cordialidade é tomada como sintoma da aversão à impessoalidade e do desejo de intimidade, o que se manifestaria na vida social, na religiosidade, nos negócios, e, inclusive, na linguagem. Mais recentemente, Paulo R. Margutti Pinto desenvolveu um estudo³ no qual propõe uma filosofia nacional na literatura. Segundo tal estudo, o brasileiro não “faz” filosofia sistemática como a tradição inglesa, alemã ou francesa e, em paralelo ao “homem cordial” de Sérgio Buarque, cunha para o filósofo brasileiro a expressão “filósofo cordial” (PINTO, 2001). Um dos principais pontos em comum entre as interpretações acerca de uma identidade nacional, seja social ou filosófica, parece ser a crença de que, ao falar do Brasil, parece estar-se diante de algo único. Flusser não pensará diferente, dando especial atenção às especificidades linguísticas, também tomadas em comparação a do europeu ocidental. Retomando o palco linguístico, Flusser desenvolve seu pensamento e aposta nas particularidades da língua portuguesa, a qual, por pressuposto, relaciona-se à cultura, à realidade.

Ao falar do português, Flusser faz um percurso do europeu arcaico até chegar à variante brasileira, apontando suas particularidades em relação a outras línguas românicas, como o Francês, e a línguas indo-germânicas, como o Alemão e o Inglês. Segundo a tese do autor, o “português brasileiro” romperia

² Cf. Holanda, 2015, 177; referência a Nietzsche.

³ Texto “O problema da filosofia nacional: uma reavaliação”, apresentado em um encontro interno com bolsistas de filosofia da UFMG, em 2001. (manuscrito).

com a unidimensionalidade dessas línguas devido ao fato de o português no Brasil ter se deixado penetrar, como nenhuma outra língua ou cultura, por elementos de línguas indígenas, como o tupi, e de línguas africanas, como o bantu. Tais línguas não teriam, a princípio, o menor parentesco estrutural com o português (FLUSSER, 1998, p.154), uma vez que se revelam aglutinantes⁴: A partir daí, a língua portuguesa se enriquece por heranças indígenas e africanas e se vê dialogando a força com ondas sucessivas de imigrantes de variados terrenos linguísticos. Não há, pois, uma língua brasileira em sentido estrito: há várias línguas, por definição, vários modos de ver mundos, várias maneiras de ver a realidade. A língua faz, então, com que o brasileiro, ao contrário de outros povos, “enxergue por sobre as regras” (FLUSSER, 1998, p. 159). Nesse ponto, então, nos apresenta uma proposta, ou antes uma intuição: segundo o filósofo, no Brasil estaria se formando o protótipo de um novo homem, capaz de uma nova racionalidade: o *homo ludens*.

[...] um homem que trocou a realidade econômica e social por outra igualmente real [...] que significa ‘novo’ senão um homem que vive a realidade diferente do ‘velho’? Um homem não mais condicionado por economia, para falarmos marxisticamente. Um homem para o qual a arte é melhor que verdade, para falarmos nietzscheanamente [...] De modo que é possível afirmar-se que no Brasil se dá um processo (não apenas no futebol, mas também nele) no qual, por alienação de uma realidade esgotada, é descoberta outra: a realidade do jogo. (FLUSSER, 1998, p.101).

Para Flusser (1998, p. 169), a história pode ser pensada como um jogo. Em um jogo, podemos ter três diferentes estratégias: 1. jogar para ganhar; 2. jogar para não perder; ou 3. jogar para mudar o jogo. Quem aplica a estratégia 3 à história não pensa historicamente, está distanciado da história, por isso é capaz de rompê-la. O *homo ludens*, o novo homem, sempre prefere a estratégia 3 e, esse “homem”, segundo Flusser, é falante do português, porque “a ideologia globalizada, progressista e cientificista encobre os brasileiros apenas superficialmente, deixando espaço para ser rompida pelo jogo assumido como tal (o brasileiro não esquece que está jogando) e é consciente de que jogam com ele”. Flusser (1998, p. 170) traz à baila, então, a palavra

⁴ A rigor não formam sentenças, mas blocos de palavras aglutinadas por sufixos, prefixos e infixos.

‘brincadeira’⁵, chamando a atenção para o seu significado no português, em especial na variante com a qual tem contato, o português brasileiro. O filósofo, ao tratar como um traço lexical desse “jeito de pensar o jogo”, aguça-nos ao sugerir que quem apreende o sentido da palavra ‘brincadeira’ adquire uma nova forma de perceber o mundo, uma nova ferramenta, uma nova perspectiva. Tal como proposto, o léxico realiza conceitualizações e articula realidades.

[...] porque atrás da língua se estende o inarticulável império do Nada. Nada no sentido de massa amorfa, *matéria prima* (com mero estatuto de vir a ser) esperando a língua, que desempenha o papel da *forma*, que lhe doa a vida mediante a doação do significado. Por isso, as línguas diferentes dispõem de significados diferentes, bem como maneiras diferentes de ver o mundo. Junto com a língua, mudam-se os correlatos, o que é, para nós, o aspecto externo dos objetos. (BATLICKOVA, 2008, p. 5).

Assim, Flusser atribui à linguagem papel na formação da realidade/mundo. As diferentes línguas têm diferentes percepções da história. Quando Flusser fala de mundo se refere à realidade e a história, como se pode observar:

Cada língua corresponde a um cosmos diferente. Aquilo que chamamos realidade é língua: realidade determinada. [...] a língua exteriorizada, isto é civilização, é realidade ultrapassada [...] a língua contém, produz e propaga a realidade. (FLUSSER, 2005, p.19-20).

Resta-nos agora compreender melhor a qual seria, para Flusser, a percepção da história proposta pelo brasileiro, imbuída no termo “brincadeira”. Para tanto, usemos os óculos de análise da metáfora conceitual.

O termo “brincadeira” no Português brasileiro e a teoria da metáfora linguística conceitual

⁵ Inglês, Alemão e Francês, as línguas estudadas e consideradas pelo filósofo para essa afirmação. Essas línguas seriam representantes do pensamento da realidade dominante, não fazem a distinção entre jogar e brincar. Por isso, essa palavra seria estranha a tal lógica e possuiria um sentido praticamente incompreensível para esses povos não falantes do português.

Começamos pela explicitação daquilo que nesse trabalho se compreende por metáfora. O paradigma metafórico, a partir dos anos 80, considera a metáfora uma função cognitiva constitutiva da linguagem e do pensamento, envolvendo raciocínio analógico e capacidade interpretativa. Entende-se, assim, que certas metáforas da linguagem refletem determinadas metáforas no pensamento (LAKOFF; JOHNSON, 1980), e a isso se denomina metáforas conceituais ou cognitivas. Para Haskell (1987, p. 2, *apud* ZANOTTO, 1998, p.15) “o que é chamado metáfora é simplesmente uma manifestação linguística da mais fundamental operação cognitiva” e Lakoff e Johnson (1980) e Reddy (1979), anteriormente, afirmaram que “esse caráter cognitivo metafórico permeia a linguagem ordinária e cotidiana regendo nosso pensamento e nossa ação” (ZANOTTO, 1998, p. 15). Por fim, metáfora, para Lakoff e Turner (1989) seria a maneira de expressar pensamento abstrato em termos simbólicos. Considerando o exposto, a metáfora, segundo Carvalho (2015), é tomada como um conceito abstrato de natureza cognitiva, o qual subjaz ao pensamento e norteia a linguagem e a maneira do ser humano ver o mundo e se referir aos objetos.

Assim, já nos é possível uma primeira aproximação: a língua articula a realidade em Flusser e, por isso, expressa a maneira como o falante vê o mundo, por isso o português brasileiro pode ser expressão de uma nova lógica de pensamento e da realidade. Por sua vez, os filósofos cognitivistas parecem nos dizer que uma das formas pela qual a língua articula o pensamento e a forma de o ser humano ver a realidade, a mais fundamental, é a metáfora, posto que a metáfora é um conceito abstrato que norteia o pensamento e a maneira de se ver o mundo.

Mas em que sentido o termo “brincadeira” pode ser tomado como uma metáfora conceitual? Analisemos os dizeres de Lakoff acerca da metáfora presente em uma expressão como “o amor é uma viagem”:

A metáfora pode ser entendida como um mapeamento (no sentido matemático) de um domínio de origem (neste caso viagens) a um domínio alvo (nesse caso amor). O mapeamento é estruturado sistematicamente. Há correspondências ontológicas, de acordo com as quais as entidades no domínio do amor (por exemplo os amantes, seus objetivos comuns, suas dificuldades, a relação

amorosa etc.) correspondem sistematicamente a entidades no domínio de uma viagem (os viajantes, o veículo, os destinos, etc.). (LAKOFF, 1986, pp. 216-217 *apud* ZANOTTO, 1998).

Aplicando ao que nos diz Flusser, o domínio da experiência, a vida, a realidade, a história, seria considerado em termos de um domínio a ele estranho, a saber, a brincadeira, “o jogo como é”. Resumidamente, um elemento X, domínio alvo, tomado em termos de um elemento Y, domínio fonte. Domínio alvo, realidade, vida, história tomado em termos do domínio origem “brincadeira”. Assim, entidades do domínio alvo (videntes, escolhas, sentido) correspondem ontologicamente a entidades do domínio fonte (participantes, jogadas/estratégia, objetivo). A vida é um jogo é diferente da vida é uma brincadeira, pois o jogo como finalidade, objetivo, se ganha ou se perde, para Flusser, na mentalidade brasileira, acrescenta-se uma opção, jogar para mudar a regra, o que, dada relação ontológica que configura a metáfora, expressaria uma alteração na percepção do sentido/finalidade da vida, por exemplo. O termo “brincadeira”, como um conceito abstrato, revelaria a maneira como o brasileiro vê o mundo, a vida, a realidade que o cerca.

“Brincadeira” seria a manifestação linguística de uma operação cognitiva. Quando Flusser nos fala que o brasileiro vê o jogo assumido como tal, o que se propõe é praticamente um olhar de fora, do jogo visto por cima, o jogo que se joga pra subverter as regras. Fala-se como isso de como o brasileiro raciocinaria sobre a história, a vida, realidade, ou seja, do seu conhecimento do que seja a vida, de sua concepção do que seja a vida. Assim, defende-se que “brincadeira” para Flusser possa ser considerada, aplicando a terminologia linguística atual, uma a metáfora conceitual (cognitiva, cotidiana) para realidade. E ver a realidade como brincadeira influencia nossa ação.

Teoria das mentalidades e linguagem

Antes de prosseguirmos, algumas breves palavras sobre o que se entende pela relação história e mente, aqui mapeada no que se denominará

teorias da “história das ideias”⁶, a fim de que se fique claro de quais lentes agora nos apropriaremos.

Pensemos na “Filosofia da História” de Hegel. Segundo o autor, as ideias que os homens têm em mente (espírito subjetivo) participam do espírito de sua própria época. Tais ideias moldam o modo de ser, os costumes, as concepções de si mesmos e o que eles carregam em sua consciência. Isto porque as ideias subjetivamente manifestas ganham *objetividade* e se manifestam nas criações humanas, criando outras circunstâncias históricas. Em outras palavras, a atividade humana deriva de interesses particulares e, se a natureza do conteúdo da convicção, do pensamento, da consciência, é verdadeiro, “urge que se torne real e se manifeste” e manifeste o espírito universal (HEGEL, 2008, pp. 28-29). A história então é a marcha do espírito ao longo de todas as épocas. O espírito da época, o *Zeitgeist*, se encarnaria nas diversas criações humanas. Neste sentido, pela teoria hegeliana, o *Zeitgeist* poderia também se objetificar na linguagem, perpassando-a e deixando nela uma marca que pode ser manifestada, talvez possamos supor, na semântica.

As mudanças e transformações das ideias, para a nova história, é tratada como mudanças de mentalidades. Ressalva-se aqui que não se compreende ambas teorias como a mesma, como não quer Le Goff (2011, p. 125), mas como teorias consecutivas que abordam em seu cerne a definição do que seria a concepção de mundo, ou mudança das ideias, que caracterizam uma época. Para Ariès (2011, p. 270), o fato de não podermos agir da mesma forma que antepassados nas mesmas situações “indica, precisamente, que uma mudança de mentalidade interveio entre o tempo deles e o nosso”. E, ao mencionar uma das publicações de Febvre nas *Annales*, dirá que as estruturas mentais são constituídas por visões de mundo herdadas e reconhecidas por grupos ou mesmo uma sociedade global.

A partir de trabalhos de Febvre, Raminelli (1990) apresentará a aproximação entre a história das mentalidades e os estudos linguísticos, dado o reconhecimento de que a forma mental e a língua “correrem paralelamente”:

⁶ Alguns autores traduzem para o inglês esse termo como histories of attitudes, considerando a semântica da palavra mentalidade: “Briefly stated, the history of mentalities considers the attitudes of ordinary people toward everyday life.” (HUTTON, 1981, p. 237).

Tal afirmação nos leva cada vez mais a valorizar o estudo linguístico, como um caminho seguro para se perceber o inconsciente social e, sobretudo, para apreender os limites ou parâmetros de formulação dos pensamentos. [...] Será a transformação da organização da sociedade que possibilitará o aparecimento de signos novos e, logo, de um outro modo de pensar. Com isso, o estudo do campo linguístico se torna indispensável à história das mentalidades, pois a forma mental e a língua correm paralelamente. E é exatamente a correlação que busca Febvre ao analisar o vocabulário do pensamento filosófico renascentista. Sem um inventário sistemático e cronológico de palavras, como entender os meios, de expressão dados ao indivíduo pelo grupo? (RAMINELLI, 1990, p. 113).

Como nos adverte Robin (1978, p.73) Febvre parece querer não se ligar diretamente a linguística estrutural de sua época, ainda assim, não se pode deixar de notar que em sua história propunha a “inter-relações entre os diversos elementos do todo social”, dos quais a linguagem faz parte, e que o lugar de tal inter-relação, como atesta Raminelli, para ele parece ser o léxico, a semelhança de como este é compreendido na posterior gramática gerativa, estudando a “origem das noções e sua evolução semântica em diacronia” (RAMINELLI, 1990, p. 113).

Uma metáfora conceitual da realidade: brincadeira como visão de mundo

Para Flusser (2005, p. 17) a língua é forma, cria e propaga a realidade, posto que articula o pensamento, a língua forma e governa os pensamentos (FLUSSER, 2005, p. 35). É sob este aspecto que acreditamos que devemos entender que “cada língua é um mundo diferente e ao mesmo tempo um mundo inteiro” (FLUSSER, 2005, p. 15), ou seja, as concepções de um mundo estão na língua que o constrói, nos pensamentos que a língua articula. Assim, “(...) não importa que coisa a língua possa articular, articula também a essência (consciente e inconsciente) do grupo que a ela recorre para comunicar” (FLUSSER, 1998, p. 153). O que estamos defendendo, nossa interpretação, é semelhante a de Amorim (2014):

A primeira fase do pensamento filosófico flusseriano e que ressoa no corpo de sua produção posterior, circula em torno do entendimento de que a língua cria o mundo (enquanto conjunto organizado/cosmo de representações) logo, para

a teoria flusseriana, não existe realidade fora da formulação linguística. Língua é mediação. Meio a partir do qual se expressa e no qual se expressa. Por assim entender, a realidade para o pensador se dá mediatizada e o que está fora deste construto é o nada, o indizível enquanto ponto de partida para que a realidade, ela mesma, possa se estabelecer por meio do ato criador autêntico. Outrossim, a língua e imagem são compreendidas na obra flusseriana como dimensões da realidade cuja função é a mesma: armazenar informação e promover a posteriori a comunicação humana. Por assim dizer, geram memória e cultura. (AMORIM, 2014, 222).

A língua articula a história, articula a concepção de realidade, a “concepção de mundo”, por isso “língua exteriorizada é civilização”. Concepção de mundo esta coletiva, pois falantes da mesma língua, estão imersos, nessa concepção de mundo. A história, para tal conclusão, deve ser compreendida como quer a Nova História, compreendida como materialização de mentalidades. As estruturas mentais são constituídas por visões de mundo herdadas e reconhecidas por grupos ou mesmo uma sociedade global, ao passo que a forma mental e a língua “correm paralelamente”. E, a operação cognitiva mais fundamental manifestada linguisticamente é a metáfora.

A correlação entre língua e forma mental é interpretada pela história das mentalidades no estudo do vocabulário, tal como realizado por Febvre ao analisar o vocabulário do pensamento filosófico renascentista. Estudo que, por sua vez, autoriza, por fim, a relação da teoria das mentalidades a interpretação de “brincadeira” como metáfora cognitiva no português brasileiro. Parece ponto pacífico que a metáfora esteja inscrita em um contexto cultural.

Lakoff e seus associados consideram a língua no seu uso cotidiano e no seu uso poético como fonte de evidência da inscrição de um sistema metafórico conceitual, que faz parte da cultura como uma forma de cognição social. [Por cognição entende-se constituinte do pensamento e linguagem]. (ZANOTTO, 1998, p18).

Logo, a interpretação da metáfora depende de o receptor compreendê-la em tal contexto, ou seja, em alguma medida de participar da compreensão desse contexto. Uma metáfora não funcionaria coletivamente se não expressasse algo passível a compreensão desse coletivo, ou seja, algo que

também permeie suas mentes. Assim, o que se propõe ao associar a metáfora “brincadeira” à teoria das mentalidades, é que tal metáfora, para Flusser, não expressaria apenas o pensamento de um indivíduo, mas de um conjunto de indivíduos que, pela imagética da língua que compartilham - bem como pelo raciocínio analógico e interpretativo que a compõe - traz tal mentalidade, faz de “brincadeira”, essa metáfora para realidade, uma concepção de mundo. E, ao agir, com naturalidade olha para a realidade como algo mutável, olha por sobre das regras da realidade, por vezes as subverte como alguém se percebe capaz de manipulá-las e, por isso, também, positivamente avaliado por Flusser, capaz de muda-las.

Sem nenhuma pretensão de termos esgotado o tema, ainda podemos refletir se nos seria possível questionar quais seriam outros desdobramento dessa análise. Tal questão poderia nos seduzir a fazer uma associação, por exemplo, entre a proposta flusseriana e a concepção dos escritos culturais dos sociólogos brasileiros supracitados: ao “homem cordial” de Sergio Buarque de Holanda, que pela intimidade subverte as regras por vezes impessoais, poder-se-ia buscar aproximar o *homo ludens*? Ou, mesmo, a outros aspectos culturais ainda não mencionados, relacionados a certo comportamento transgressor diante das regras sociais, como o “jeitinho brasileiro”? O “jeitinho” poderia ser visto como uma consequência linguística e cognitiva? Uma realidade que se faz em consequência da articulação da língua, da conceitualização, da imagética, de se ter “realidade” como elemento fonte para brincadeira? Uma das possibilidades de o brasileiro pensar diferente como falante do português, sendo essa sua língua materna? Não nos é possível esgotar em tão breves palavras as reflexões e conexões possíveis, mas vale o exercício especulativo.

“Vida é jogo” é diferente de “a vida é brincadeira”, porque o jogo se ganha ou se perde, já a concepção de brincadeira traria a noção de mudar a regra do jogo, subvertê-la. Brincadeira como uma concepção do mundo, como concepção da vida, da realidade.

Conclusão

A fim de concluirmos este breve texto, retomemos nosso problema inicial, a saber, qual percepção de realidade o português brasileiro compreende? Para tanto, propomos uma reflexão sobre o português brasileiro e sua participação na articulação da realidade a partir de um dos cortes que Vilém Flusser aplica ao problema, qual seja, o termo “brincadeira”.

A partir da ótica da teoria de metáfora de Lakoff e seus associados, concebeu-se a aproximação entre a metáfora conceitual, proposta pelo autor, e o uso que Flusser faz do termo “brincadeira”. A partir dessa aproximação, propôs-se a compreensão do termo “brincadeira” como metáfora conceitual em Flusser. Tal metáfora expressaria a concepção que o falante do português brasileiro tem da realidade, do mundo que o cerca. Por conseguinte, expressaria a concepção de mundo de tais falantes, o que também é corroborado pelos estudos da história das mentalidades, posto que a história, a realidade, é a materialização das mentalidades e a forma mental e a língua caminham lado a lado. “Brincadeira” como metáfora é “brincadeira” como conceito que subjaz ao pensamento; um pensamento que, ao expressar uma concepção de mundo, de história, relaciona-se à teoria das mentalidades.

Contudo, como dito anteriormente, não se tem a pretensão de ter-se esgotado o tema, há muito sobre o que se pode perguntar. Especialmente acerca das possíveis associações aos aspectos culturais teórica e socialmente relacionados à cultura nacional. Bem, essas e muitas outras questões e correlações certamente ainda podem ser abordadas e, dado ao breve excuro que este texto se propõe, serem objetos de estudos futuros.

Referências

- AMORIM, V. R. de. Flusser e a imagem técnica na pós-história. In: SERRA, A. M.; DUARTE, R. A. de P.; FREITAS, R. A. (org.) *Imagem, Imaginação e Fantasia: 20 anos sem Vilém Flusser*. Belo Horizonte: Relicário, 2014.
- ARIÈS, P. A história das mentalidades. In: NOVAIS, F. A.; SILVA, R. F. (org.) *Nova História em perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- BATLICKOVA, Eva. Em busca dos fundamentos do pensamento de Vilém Flusser. *Revista Ghrebh*, Número 11 (2008), disponível em:

<http://www.revista.cisc.org.br/ghrebh/index.php/ghrebh/article/view/13/14>.

Acessado em 03/09/2014.

BERNARDO, G.; FINGER, A. ;GULDIN, R. *Vilém Flusser: uma Introdução*. São Paulo: Annablume, 2008.

FLUSSER, V. *Fenomenologia do Brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

_____. *Língua e realidade*. São Paulo: Annablume, 2005.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala: a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2003.

HEGEL, W. F. *Filosofia da História*. Brasília: UNB, 2008.

HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

HUTTON, P. H. *The History of Mentalities: The New Map of Cultural History*. History and Theory. Middletown, Wesleyan University, Vol. 20, No. 3, pp. 237-259, Oct., 1981.

LAKOFF, G. e JOHNSON, M. *Methaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago, 1980.

LAKOFF, G. e TURNER, M. *Phylosophy in the flesh: the embodied maind and its challange to western thought*. Ny: Basic Books, 1999.

LE GOFF, J. A história Nova. In: NOVAIS, F. A.; SILVA, R. F. (org.) *Nova História em perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

ROBIN, Régine. *História e Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

RAMINELLI, Ronald. *Lucien Febvre no caminho das mentalidades*. História, São Paulo, n. 122, p. 97-115, jan/jul, 1990.

ZANOTTO, M. S. T. Metáfora e indeterminação: abrindo a caixa de Pandora. In: PAIVA, V. L. M de O.(Org.). *Metáforas do Cotidiano*. Belo Horizonte, Ed. do Autor, 1998.